

O PACAJÁ

JORNAL LITTEARIO E HISTORICO DO BRASIL

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO — 2 DE NOVEMBRO DE 1862.

N. 26

O PACAJÁ.

O digno *Chronista* do *Avizos* em falta de assumpto para entrar seus leitores, teve a bondade de nos metter á bulha, por causa dos artigos *Pedro e seu amo*.

O distinto *chronista* tem razão. Reconhecemo-lo. Foi mesmo inconsideravelmente que aceitamos esses artigos, apezar disso permitta-nos o *chronista* que reclamamos contra o modo menos justo e pouco civil por que qualifica esses artigos. Jamais n'elles se desrespeitou ninguem, ou offendeu-se á moral. Os artigos ali estão, e desafiamos ao *chronista* para que nos aponte as offensas á moral que nellos tem apparecido. E' inu xacto ter-mos aceitado artigos que tirão a reputação de qualquer e menos ainda de ter-mos desrespeitado o lar domestico, pois não temos esses costumes vis e repugnantes que o *chronista* quer emprestar-nos. A lição seria útil para outros, não para nós — porque apezar de jovens e principiantes apenas, sabemos seguir escudados na prudencia pelo devoto caminho e por isso permitta-nos o *chronista*, dizer-lhe que não aceitamos a sua lição que alem de incivil tem o inconveniente de não ser acompanhada de exemplos que exclareçam a regra.

Seria bom que aquelles que censuram, e recommendão seircunspeção fossem os primeiros em ser seircunspectos, e que não elevassem um pequeno grão d'arria ás promozas do *Pão d'Assucar*, e que

O caso contem como o caso foi.

Pedro e seu amo.



--Brevos moleque, como ficas bonito vestido a maruja!

--E' para, nhonho ver que de toda forma, Pedro, é um bonito rapaz, apezar des-

ses elogios que nhonho me faz, tenho querido por mais de cento e uma vez pedir a minha demissão, e se não fosse ter pena de meu amo, por certo ja tinha mandado esta vida ao diabo!

--Então qual a razão, Pedro?

--Fecho sido muito censurado, porque infelizmente nasci negro e não posso apparecer onde o branco mete-se de gorra.

--Deixa-te de historetas, és as minhas pernas e faltando-me não sirvo para nada.

--Porem, nhonho, podia ver uma pessoa branca, para ter o direito de fallar, pois do contrario seremos sempre censurados.

--Porem não ouviste ainda dizer de quem o barrete com que nos mimosearão?

--Está tudo cheio por ali, nhonho, que é de um moço chamado *Mantallo*, porem não sei onde mora esse *gaito*!

--Oh! do *Mr. Mantallo*?! conheço muito! bem desconfiava eu!

--Pois eu, nhonho, estou aqui pronto; pode mandar-me onde lhe agrada que com muito praser hirei.

--Pois, Pedro, eu aproveito ja que es-

Paulo
do
M. 18

taes pronto. Sabes andar à vella, patroar, e dessas mais manobras do mar, não é ?

--Sei, sim senhor : entendo de orçar arribar, fazer uma ale-larga enfim, nhonho, não tenha duvida porque Pedro é bom, e entende *patrão*.

Alem disso, nhonho, o batel ainda está abicado a praia e agora é só receber as ordens do nhonho, e correr para a praia repetindo como o *Bardo* ao remeio : Ao largo ! - e meu batel, hira então, nhonho, fendendo essas aguas verde-escuras de nosso oceano.

--Bom, muito bom ! pois então hiras. Leva esta catta. Fassa-se de vella a *Illa das Vinhas* e de alguns bordejos por ella, veja si a vista lá Mr. Martello, e aborde a ella.

--Mas, nhonho, eu não conheço esse *quidam* !

--Eu te darei os fidelissimos signaes, olha : é um moço de enorme *abdome*, sustenta grande *filancia*, tem certo *gaz à capoeira* no anda e no fallar demonstra certa *imposan* ou *rodomontarde*, e entregue esse agradecimento que o envio, e você introduza-lhe de sua parte seus *comprimentos*, pela *toisca* lembrança de occupar-se de nos ;

--E' verdade ! que ideia esturdia, nhonho ! escolher a minha pessoa para seu *palito* sem ao menos lembrar-se que para isso é muito *grassa* ! Forte *patola*, nhonho ! Essa lembrança só de *alguos bisegae*, ou *Zacharias* ! Quer Mr Martello, nhonho associado ou *caugado* com seu amigo pregar lições de moral !... Lições de *moral* ! esse antigo *marujo* da *briosa* tripulação do *Chaveco*, esse antigo *importador* do *Mercador*, esse grande heroe, esse *vulto* que pelos seus *feitos* por suas altas *facanhas* honrou as paginas do *Livro Negro* ! e agora coberto com a falsa capa de *Mentor*, prega embusteira moral--doutrina essa para elles completamente estranha, sem ao menos tapar com o embuço o cynismo que os absorve, que tão saliente se manifesta estalpado na frente ! Ora, nhonho, esta só lembra ao diabo !

Chamão-nos de immoraes, porque censuramos as faltas de quem não cumpre com suas abrigações ; somos immoraes por que

censuramos ao tal moço que imitando a esses *meunus descabros* (ou moleques) joga *capoeira* na rua ou os *tápas* e aproveitando-se da tarefa de *Chronista*, para vingarse da censura do nhonho e do meu *sabonete* lança-nos um pontado de inuanda lama que tambem o salpica...

--Forte lorpa, é o Snr. Martello, Pedro !

--Em que é que esse *gaiato* vê *redicullaria*, *immoralidade* e *escandalo* conforme disse ? *Deus te perdoe Paschoal* ! Dis o tal minino, nhonho, que somos os proprios *avilipendiar* a nossa nacionalidade e que por isso fique o estrangeiro sensato, *intelligente* e *não sei que meus reconhecendo* pela sua *cathilmaria*, que foi reprovado o nosso procedimento, e não aceito. *Vous êtes trompé Mr. Martello*, o seu amigo a quem S. S. achta-se hoje aliado, graças a seus lindos olhos, machucar e deprimir as familias honestas e zombar desse bom povo pela importancia que lhes derão, não sei o que será, e no entanto é esse estrangeiro querido e amado pela mesma pessoa do Mr. Martello, e tem o direito de tudo dizer, censurar e desacreditar aquelles que tiverão a infelicidade de recolher-o ao mesmo gremio d'onde receberam a importancia que hoje ostenta : isso não sei o que será... Viva o patriotismo do Mr. Martello que quer que o estrangeiro tenha direito de tudo dizer e os nacionaes que meta uma rolha na boca ! Forte tolema.

--Rasga-lhe o capote, moleque, não tenhas medo.

--Nenhum, nonho ; não tenho *papas* na lingua. Engraçado e muito engraçado é Mr. Martello na sua historia. Elle que recorde-se ou pergunte a seu collega ou *adjunto* das *celeberimas molequagens* desses *gaiatos* de cabellos brancos d'out'ora e que me diga o que será aquillo a par do nossa *immoralidade*.

Julga o tal *moralista de meia vigella* que as suas palavras por serem dirigidas a nós, ficarão tendo mais valor ou que nos abaterão ? engana-se completamente ! o calhão que quebra um brilhante não tem mais valor que tinha, não passa de um vil calhão e o brilhante, não perde o seu memento, não perde o seu valor.

E falso, e admiro a ousadia de dizer que tenho entrado em casa de familias honestas e respeitaveis!

E' falso e calunia, é uma injuria taxar-me de immoral, gritar que tenho propagado immoralidade! E se assim fosse, temos consciencia que não fazia mal; temos consciencia que as donzellas ao ler as ordens que nhonho tem me dado, não corrião, embora tivesse estapada a immoral; e se fizesse corar o rosto de alguma, tambem mal não fazia, por que demonstrava que o que lia não éra para ella estranho, não hiria-mos corrompê-la por que a cor assombrada a seu rosto, indicava ja a sua corrupção, e sciente estamos que não acontece o mesmo com as jovens que indicão a sua virgindade pela ignorança do que lê. Por conseguinte Mr. Martello que não metta-se mais com quem não o chamou, e fique sabendo que não tenho o costume de tocar no lar domestico, por que apesar de negro não forão esses os principios dados por meu nhonho. Muita razão tem, nhonho, esse lorpa para chamar-me *II letras*, pois muito e muito lhe servi e desde então é que afferrei-me ao maldito vicio de meter meu nariz nas casas de familias honestas a respeitaveis, como disse Mr. Martello, e hoje inculca-se *grande moralista*. Bem me dizia minha avó quando fiava seu algodão: a virtude, meu filho, não é aquillo que parece ser virtude e muita razão tinha ella, coitada!

--Elle quiz divertir-se conosco por que nada tinha que contar, conforme confessou no entroito de sua ladainha.

--Pois é para o nhonho, ver que tal é o menino da *rabeca*.

--Bom ainda tinha-mos muito filame a dar, porem aconteceu o mesmo que Mr. Martello que achou o tempo pelo *chicote*. Quero que largues já o batel, por que fico ainda esperando aqui nesta ponte *exotica* ou tropiche d'Alfandega como a chamão.

--Eu mesmo quero aproveitar o vento que sopra sufrível e pertendo ja voltar.

--Diras tambem, Pedro a Mr. Martello:

O Pedro não o interpellou

Pois que pague-lhe o sermão.

O patela que o encommendou.

--Tudo direi. Até já. *Pedro e seu amo.*

UM POETA IGNORADO.

I.

Morreu hontem. Soaram os sinos da capital, não porque era uma alma generosa, mas por que as honras fúnebres são vendaveis. Ninguém derramou flores sobre a sua louza de pedra tosca; ninguém recitou sobre o seu feretro o elogio de seus feitos.

--Era um joven entusiasta-- diziam os amigos.

O vulgo era menos nobre em seus conceitos; chamava-o devasso e perdulario.

Se fosse um illustre avaro, enriquecido com o sangue dos trabalhadores. --contando á luz baça do candieiro as notas arrancadas aos seus clientes, houvera o vulgo, em sua morte, trajado lutos, e vertido hypocritas lagrimas.

Hoje santifica-se o dinheiro, e maldizem-se a poesia.

Poesia! fallar n'ella, neste seculo de prosa, immundo como as fezes do gaz, vaporoso como o fumo das locomotivas! Seculo que adora as discussões parlamentares, e foge das academias, --que bate palmas ás bailarinas, e proscreeve a tragedia, --que nobilita Mirés, o arroja pedras a Lamartine!

Pobre seculo! Seculo de prosa!

II.

M. d'Avellar, não era d'essa raça rachitica do seculo. Amou e creou muito. Admirava a arte, e apaixonava-se pelas bellas ideas.

Sentou-se á noite: sob as arvores seculares de Versalhes: pensou ali sobre a epoca historica em que o catholicismo organisára uma sociedade forte e idealisadora, que deu como typo de sua perfeição o reinado de Luiz 14., de Racine, e de Pascal. Respirou nas lagannas da Hollanda o velho ar da liberdade batava; viu os vestigios monumentaes d'essa raça forte do tempo de Gracío, e do Guilherme o sombrio, que roubou ao mar o terreno de uma republica, e fez de um pantano a senhora dos mares. Entre a taça do prazer e as paginas dos livros, a vizita dos monumentos, a convivencia de variados costumes, passouse-lhe a mocidade descuidosa, rindo dos adeptos da fortuna, e das celebriedades officiaes da litteratura academica.

Antes de morrer, quando já a voz estava rouca, o peito arquejante, e os olhos amorteciam-se sob palpebras sem vida, quiz ainda

respirar um ar mais puro, campinas menos célebres, porém mais risonhas do futuro. Vizito o Prata, e fui esquecer por instantes os seus sofrimentos sob o céu dourado que via batalhar Belgrano, e meditar o velho Echeverría.

Era um adeos à terra ideal das bellas poéticas!

III.

Poucos souberam que acalentada n'aquillo corpo exhuisto havia uma alma inspirada de poeta. Antes de morrer, em sua ultima vizita a estas montanhas, que foram a sua patria e a origem de seus males, Avellar despedio-se de tudo quanto amava em alguns versos singelos e tristes.

Poesia de coração!

Os litterarios tambem não a entendem. Para elles Porto-Alegre, e uma aguia, e Casimiro de Abreu, o cantor immortal da *ahua triste*, não passa de humilde trovador de amores. Estes entretanto que morrem, feridos pelo sentimento, pagando cada fraze sentida de seus cantos com muitos dias de vida. O quequer do cerebro arrebatá-lhes a mocidade da fronte; vellos antes da idade proecta, sulcá-lhes as rugas o rosto, em quanto os olhos ainda fallam com a vivacidade dos vinte annos.

Poetas do coração! amigos de minha mocidade humilde, -- Casimiro de Abreu, Gonçalves Braga, e tantos outros que ja sois mortos, eu vos saúdo! Que é d'essas vozes amigas, que me faziam crer na liberdade e na poesia, em todas essas santas illusões hoje naufragadas sobre a margem inumunda do seculo!?

Poetas do coração eu vos saúdo!

IV.

Avellar era dos vossos.

Amou muito; -- e com um d'esses affectos immortaes, que principiam sob as ramas odoríferas dos laranjaes, e acabam junto aos cypristes silensiosos dos tumulos.

Amores que valem bem uma vida, e que eu trocara por todas estas aspirações da ambição interesseira, que conta os dias pelos ganhos, e as noites pela perda das horas.

Quando vio passar o prestio funebre de suas affeições, quando vio perdidas para sempre todas as esperanças de um bello futuro, comprehendeu que era de sua honra esquecer e morrer.

Esqueceu-se; mas entre o prazer que dilacerava, e a vigilia que relembra pertinaz e cruel

Saudades cortadas de golpes acerbos, prazeres em que se mistura o fel, hymnos da mocidade, em que ao longe soa o sino melancolico dos finados. O estorcer de angustia succede a os arrebitamentos do prazer; os labios que acabam de proferir juras, psalmodicam os versos saulazos de Petrarca, que avivam as recordações de dias festivos e para sempre finados.

Quando se sabe d'estas lutas, ou o coração ou o corpo ficam mortos. Avellar morrea, por que o seu coração era sensivel.

Adeus amigo! eu invejo a tua morte, por que eu não soube trocar como tu a vida pela creença; e agora assisto, sacerdote apostata da mocidade idealista, ao sabimento dos nobres corações, que comigo outr'ora palpitaram.

R. C. M.

Variedades.

Causas differens de se achar.

Um amigo verdadeiro. -- Um nescio sem prelações. -- Uma mulher sem defeitos (este artigo é escripto por homem). -- Um homem sem paixões (este é escripto por mulher). -- Um bom livro. -- Um thesouro esquecido. -- Uma moeda no fundo do mar. -- Um homem feliz. -- Os sepulchros de Adão e Eva. -- Um gazelheiro que não minta.

Qual será preferivel?

A franceza casa-se por calculo, a ingleza por costume, e a allemã por amor.

A franceza ama durante a lua de mel, a ingleza toda a vida, e a allemã além da morte.

A franceza leva sua filha ao baile, ingleza à igreja, e a allemã occupa-a na cozinha.

A franceza tem genio e inspiração, a ingleza intelligencia, e a allemã sentimentalismo.

A franceza veste com gosto, a ingleza sem elle, e a allemã com modestia.

A franceza tagarella, a ingleza falla, e a allemã resmungua.

A franceza offerece uma rosa, a ingleza uma dhalia, e a allemã *vergeis mit nich*.

A franceza sobresahe pela lingoa, a ingleza pela cabeça, e a allemã pelo coração.

Typographia Catharinense

Germano Antonio Maria, Avellm. Rua Augusta, N. 23. 1862.